

Babilónia n.º5  
pp. 237 - 249

## A Casa Que Corria Para o Mar





## A Casa Que Corria Para o Mar

João Henrique Malheiro Pinto

Tradutor, Licenciado em Tradução pela Universidade Lusófona

«*Quem entrasse pela porta do átrio central...*»

No corredor principal, seguindo sempre pela linha vermelha marcada no chão de cimento polido, tinha depois que se virar à esquerda. Aí, havia *novamente* uma parede gradeada, com uma porta, *também* ela fechada a duas chaves — pesando cada uma destas cerca de quinhentos gramas —, e ainda com um trinco que era accionado electricamente a partir da sala dos arquivos, que se encontrava no primeiro andar. Passando essa porta, que desaguava num átrio de tamanho reduzido, tinha que se percorrer um outro corredor, desta vez mais estreito, mas já sem a incomodativa presença daqueles gritos de agonia que se faziam ouvir anteriormente, trazidos não se sabia de onde pelas condutas do ar condicionado; eram cerca de cem metros de escuridão, onde a única luz que aí chegava provinha das fracas lâmpadas — penduradas no tecto com os seus impressionantes seis metros de altura —, que teimavam em guardar essa claridade só para si, envolvendo-a teimosamente num espesso manto de poeira quase centenária. Ao chegar à parede que se encontrava ao fundo, virava-se à esquerda, atravessava-se depois uma porta corta-vento, após a qual era necessário apresentar uma identificação, ou autorização de visita, ao enfermeiro-guarda que se encontrava sentado por detrás de uma secretária construída em chapa maciça, que parecia ser de aço.

Doze metros à frente do posto de controlo equipado com o enfermeiro, na quarta cela à direita, com paredes e tecto pintados de branco, estava o rosto coberto de castanho desgrenhado, com dispersas madeixas louras e olhos verdes de oceano virgem. Estes pareciam estar felideamente fixados num imenso e profundo vazio. A sua respiração, se é que a havia, era de tal modo discreta que tornava praticamente impossível registar o menor movimento oscilante dos seios que se escondiam por detrás do colete branco, debaixo do qual, e a tapá-los, se encontravam os braços cruzados, também eles aprisionados no branco cingido, dentro daquele espaço branco.

Estranhamente, a porta não fez qualquer ruído ao ser aberta, nem a tranca da fechadura rangeu ao ser rodada pela chave, nem as dobradiças chiaram sob o peso de todo aquele aço assente em pernos com a espessura de um dedo. E abriu-se, com o corpo rectangular gigantesco a deslizar mudamente — de uma forma tão natural e ingénua —, como se sempre tivesse estado aberta... e nunca ninguém ousasse sentir vontade de a voltar a abrir.

No interior, na parede que se espraiava, branca e ímpia, por cima dos sedosos fios castanhos de madeixas louras deitados na cama, enfeitava esse espaço mural um quadro com uma moldura dourada, onde se podia ver uma paisagem representada à beira-mar, em que o objecto central — se é que fora essa a intenção do autor —, e que servira de inspiração, era uma casa deitada sobre uma falésia. Havia sido o único pedido — essa peça decorativa — da jovem que contemplava fixamente a casa pintada, a qual, outrora livre e próxima da maresia longínqua, estava agora pregada à parede com quatro cavilhas de aço.

Apesar de não haver quaisquer vestígios de comunicação com o exterior, nem mesmo a mais singela e minúscula abertura em jeito de janela, podia ouvir-se o chilrear dos pássaros matinais nos ramos das árvores, em lamúrias pelas folhas ausentes — levadas mais cedo por um Outono apressado — que lhes teriam servido de abrigo daquela chuva fina, que parecia querer engrossar a cada minuto que passava.

O quadro: A casa era branca, com portas e janelas pintadas de verde-mar. Apesar de se conseguir ver uma janela com forma circular, encimando uma porta que não parecia ter sido feita e aí colocada para ser aberta, a casa deixava transparecer um ar de terrivelmente enclausurada, e no seu interior, a escassa luz não deveria permitir, a quem nela entrasse, ver o negro das paredes escurecidas pelo fumo da lareira, que acesa aquecia o Inverno. No exterior, já nas traseiras da casa, e como se protegidos da brisa salgada, um cedro centenário fazia companhia ao banco de jardim que ele próprio também abrigava da luz do sol, com a sua enorme copa protectora.

\*\*\*\*\*

*Era a casa da falésia. Na parte de trás, Verónica sonhava...*

*Os olhos aproximavam-se serenamente, caminhando na direcção do banco de jardim em que ela se encontrava sentada, sob a sombra fresca de fim de tarde do enorme cedro; iam avançando vagarosamente, vestidos de um negro de seda, dirigindo-se ao objecto por eles antes fixado... e gravado na memória. Deslocavam-se pesados, em cima das solas cobertas pelo cabedal batido, oriundo de Itália, tal como a camisa branca que os vestia, o fato preto que os cobria, e a gravata nacarada que aconchegava o colarinho à volta do pescoço anafado. As pupilas dilatadas eram como dois salpicos negros embutidos no azul das íris, e sufocadas pelo branco raiado de sangue, quase que aniquiladas por esse vermelho — como se fossem duas pintas de uma joaninha perdida, a boiar em cima de um leito de água barrenta de argila avermelhada, até aí levada pela força de um vento mais forte do que as suas frágeis asas.*

Os olhos azuis — talvez vestidos de preto, branco e vermelho... imaginava agora ela — detiveram-se a poucos centímetros daquele umbigo, perfeitamente regenerado desde que lhe fora arrancado o cordão umbilical; circularmente bem delineado, profundo o suficiente, e ladeado nas suas paredes por estrias deliciosamente apetitosas e apelativas a um contacto humidamente mais íntimo.

Os olhos aproximaram-se...

«Não!!!... Já te disse que não! Depois de tudo o que já falámos, acho que devias ter um pouco mais de juízo...»

Afastou-o, e fez deslizar aqueles olhos cor-de-céu em direcção aos seus, puxando-os um pouco mais para cima, fazendo-os abandonar aquele onírico umbigo, e obrigando-os a olhá-la directamente, no fundo das janelas verdes da sua alma. Repetiu-lhe, então, uma outra vez, agora mais ternamente: «Não... Já disse que não... Pelo menos enquanto não me deres o que eu tão meigamente te pedi.»

E, agarrando-o com ambas as mãos, empurrou-o para longe de si, em jeito de um outro adeus, tantas vezes repetido e indesejado, pousando de novo os seus olhos verdes na parede... deixando-os outra vez aí aprisionados, naquele retrato, dentro da cela que era a moldura dourada, envolvendo o seu «amante» há muito desaparecido...

... Depois, abandonou a sala da lareira e dirigiu-se para o banco de jardim, nas traseiras da casa da falésia, que àquela hora estava protegido pela sombra do cedro.

Recordou-se ainda que fora debaixo daquele cedro, e abraçada à mãe, que vira o seu pai partir, na companhia de um grupo de homens que o vieram buscar num barco, e lembra-se de ele lhes ter dito. «Vou só tratar de um assunto e estarei de volta daqui a uma semana ou duas, no máximo!» Foram as últimas palavras que ouviu pronunciadas por ele, antes de se despedir com um beijo no seu rosto bochechudo e outro nos lábios carnudos da sua mãe. Nunca mais voltaria a ser visto por ninguém. Nunca mais voltaria a fazer-lhe companhia, ao fim da tarde, naquele banco de jardim, debaixo do cedro...

\*\*\*\*\*

Era uma impossibilidade irrefragável... ninguém poderia adivinhar que aquele cedro, de tronco centenariamente nodoso, fora ali plantado e abandonado — despejado pelo pincel tremente de Verónica, na véspera da noite em que saíra da casa de sua mãe.

Ana de Medeiros havia-se casado com Alexandre Medina. Ao fim de dois anos de uma feliz união, que não mais o voltaria a ser daí em diante, veio ao mundo Verónica, testemunho e fruto de uma relação... que viria a ter tudo para ser estranha — de uma forma dementemente bizarra.

Aos sete anos de idade, já Verónica pintava quadros cujos motivos deixavam perturbado quem os visse, extasiado perante a complexidade dos temas e cores neles embrenhados (enleados?..)

Aos dez, realizava a sua primeira exposição colectiva, em conjunto com a sua mãe, Ana, e um amigo desta, dos tempos em que andava pelas paisagens do *Sacré Cœur*, em Montmartre.

Aos catorze, era já a mais acutilante analista das pinturas da mãe. Era crítica de uma forma mordaz, quase ofensiva, ou mesmo agressiva, nunca aceitando o mínimo deslize — ou descuido — do pincel, de cor, de luz, de contraste ou de um motivo incongruente sempre que o julgava deslocado ou desencontrado do «todo», chegando por vezes a deturpar a mensagem que Ana pretendia transmitir. E nisso, a sua mãe era um verdadeiro génio: os seus quadros possuíam uma constante intenção latente, mas a forma como ela o fazia nem sempre era a mais clara; os testemunhos gravados na tela eram, talvez em demasia, disfarçados (distanciados?..) do objectivo final. O resultado do todo era acessível, contrariamente aos fragmentos que haviam estado na sua origem.

Era essa a grande diferença entre elas...

Ao contrário de Ana, Verónica conseguia sempre reproduzir cenas facilmente interpretáveis, ou descodificáveis, no particular, mas... quando vistas como um todo, não perpassava qualquer mensagem una para o exterior — as suas obras não eram mais do que múltiplos fragmentos intrincados, quase esquizofrénicos, impossíveis de serem correlacionados entre si.

\*\*\*\*\*

Aos dezoito anos de idade, saiu de casa da mãe, na falésia, e nunca mais a voltou a ver. Algo que já se adivinhava, desde que tivera aquela pseudo-relação, ética e socialmente criticada, com um antigo professor que dera aulas a Ana, e acompanhara Verónica nas aulas particulares que lhe dava no pequeno estúdio da casa da falésia. Passados poucos meses do início desses encontros, não tendo sequer chegado a completar-se um ano, foi o descarrilamento de tudo: dos sonhos, da família, dos ideais, da carreira... do mundo... de Verónica.

Esse professor viria um dia a telefonar para casa de Ana — que tinha acabado de estabelecer residência em Lisboa, pouco tempo depois da sua filha ter saído da casa da falésia —, com o intuito de se encontrar com ela e ambos falarem acerca de Verónica. Ana, que de início pareceu muitíssimo excitada, pois teria agora a oportunidade de dizer àquele velho tudo o que sempre lhe estivera atravessado na garganta, acabou por ficar surpresa com o encontro que tivera com esse tal professor. Quando chegou ao local do encontro, uma cervejaria na Avenida de Roma, já ele aí se encontrava à sua espera, pois reconheceu-o ao longe:

«Antes que me dê um tiro, permita-me dizer-lhe que não se passou nada do que alguma vez pudesse ter vindo a pensar» começou o professor, deixando-a sem saber o que fazer, e levando-a a baixar a mão, que já começara a erguer em direcção ao rosto dele.

«O que é que me está para aí a dizer!?!... Pois não foi o senhor que se andou a aproveitar da minha filha que, apesar de ser maior, tinha praticamente um terço da sua idade?»

«Não! Não foi nada disso. Até lhe poderia dizer que foi antes o contrário... o que realmente se passou...»

Ficaram ambos calados, imersos num silêncio que parecia querer afogar aquele momento, até que Ana...

«Então?... Vá lá! Desembuche, que eu tenho mais que fazer.»

«Como muito bem sabe, ela foi minha aluna durante um ano, na Academia de Belas Artes. Onde eu leccionava a cadeira de Técnicas de Fusão de Materiais...»

«O que é isso. Alguma modernice, não?»

«Basicamente, e eu sei que a senhora é uma excelente pintora, é uma disciplina em que se aprende a trabalhar a mistura de vários materiais, ou melhor, a fundi-los uns com os outros, unificando-os no final... Não sei se me está a compreender... Pode fazer-se um quadro em que, para além da vulgar tinta de óleo, também nela se possam misturar os mais variadíssimos compostos, tais como areia, vidro, serradura, terra, argila, limalhas de ferro, plástico, ossos de animais moídos...»

«E?...»

«E... foi precisamente aí que a sua filha começou a demonstrar um determinado interesse. E... só mais tarde me vim a aperceber de que era... de certa forma... doentio!»

«Doentio?... Como assim?»

«Certo dia, depois das aulas, ela veio ter comigo e perguntou-me se lhe poderia dispensar uns minutos do meu tempo. Ao que eu anuí. Imagine a senhora que ela me perguntou se tal técnica poderia ser realizada com partes... ou ingredientes, já não me recordo lá muito bem... provenientes de seres humanos.»

«O quê!?»

«É verdade... Mas quando ela viu que eu não estava a gostar daquela ideia, mudou repentinamente a expressão do rosto, fazendo desaparecer aquele brilho no olhar, que a senhora tão bem deve conhecer — o mesmo que deveria ter tido Einstein, momentos antes de descobrir...»

«Sim, eu sei ao que se refere! Mas continue, por favor.»

«Então, a partir desse dia, ela pareceu ter mudado... pareceu-me que nunca mais voltou a confiar em mim... já não era a mesma. Contudo, continuava a mostrar-se extremamente curiosa relativamente àquele assunto. Quando esse ano lectivo acabou, nunca mais lhe pus a vista em cima... Vim apenas a saber, mais tarde, que ela tinha um namorado, ao que parecia estudante de medicina, ligeiramente mais velho do que ela...»

\*\*\*\*\*

Tudo começara, quando ela tinha vinte anos, com a «falsa» relação que Verónica tivera com um aluno finalista do curso de medicina. Não «falsa» por ela não ter sentimentos, ou desejo pelo rapaz, ou quando muito admiração por ele, mas «falsa» porque as razões do seu objectivo inicial, nesse relacionamento, acabariam por atingir o auge aquando da ruptura, por ela antecipadamente planeada, do mesmo.

Influenciada pela criatividade ilimitada da sua mente, ávida por descobrir o que nunca antes o fora, ou, simplificando, por tentar encontrar um método capaz de emprestar — à tela — o mesmo que a realidade oferecia fora dela, deixou-se assim levar até onde nunca ninguém antes chegara.

Antes de abandonar a Academia já ela fazia experiências utilizando matérias orgânicas. Assim, aquilo que ela começou a chamar de «Pinturas Orgânicas» eram uma mistura de tintas com os mais variados componentes de organismos vivos: experimentou, de início, folhas de árvore, ainda verdes, que depois de trituradas até à exaustão num almofariz, juntava à tinta com que iria produzir as telas; posteriormente, passou a utilizar o mesmo sistema com penas e pêlos de animais; mais tarde ainda, viria a fazê-lo com peles, e até com partes do tecido muscular e adiposo — as cobaias por ela utilizadas foram galinhas, gatos, cães, ratazanas, ratos... Mas, como se os resultados que eventualmente obtivera não a tivessem satisfeito, encetou assim essa relação com o tal estudante de medicina.

Passados alguns meses de uma ligação, que julgava ser o amor da sua vida, motivada simplesmente pelo espírito científico de uma aventura que ela não sabia aonde a iria levar, começou por pedir, a esse rapaz, provas de amor repletas das mais sórdidas intenções.

De início estupefacto, pela mórbida estranheza daqueles pedidos, acabaria finalmente por satisfazer as excêntricas exigências de Verónica, tudo por amor à arte dela... mas também, em parte, por causa daqueles olhos verdes, que pareciam inundar e envolver os seus, que eram azuis. Quando os olhares de ambos se cruzavam havia a mesma cumplicidade que parece haver entre a imensidão do céu e a profundidade do mar. Entre o azul e o verde. O azul que era o seu e o verde que era o dela — *e que também era o mesmo azul dos olhos do pai Verónica, que um dia desapareceu para o mar.*

O rapaz começou então por lhe levar pequenas amostras que surripiava nas aulas de anatomia, recolhendo-as dos cadáveres que serviam de estudo, enquanto estes repousavam indefesos em cima do inelutável frio do mármore.

Ela continuou então a pintar, aperfeiçoando as suas técnicas de fusão de materiais, parecendo visivelmente mais satisfeita do que anteriormente se revelara. Parecia ter finalmente descoberto o ingrediente, ou o elemento, que outrora lhe faltara. E até o próprio Sérgio, assim se chamava esse rapaz, achava que os seus quadros ganhavam, de dia para dia, uma realidade quase inegável, por mais estranho ou irrealista que isso lhe pudesse parecer.

Mas Verónica ainda não se mostrava tão encantada, ou satisfeita, como o seu namorado. Faltava-lhe algo... Ou melhor, faltava algo nas suas produções para que as mesmas a pudessem satisfazer na totalidade — a ela, que sempre se mostrara tão severamente crítica com as obras da sua mãe.

Talvez a realidade por ela produzida só fosse perfeita se as matérias que haviam estado na sua origem fossem, também elas, provenientes da realidade, e não de uma pós-realidade. Começou, de início, por utilizar o seu próprio sangue e cabelos... Como se satisfeita com o desenvolvimento da experiência, e por não poder auto-mutilar-se em demasia, a bem da sua perfeita integridade física de que necessitava para continuar as pesquisas e o trabalho de pincel, solicitou uma vez mais a ajuda de Sérgio: para os cabelos não teve qualquer problema, e até mesmo o sangue, se bem que a custo de um maior esforço de persuasão, foi por ele benevolmente doado, tudo por amor à arte... ou a Verónica?

A ruptura acabou por se dar após uma noite, que ele esperava ser de amor selvagem: muito docilmente, mas sempre com aqueles olhos felinos a fixá-lo, ela amarrou-o à cama de ferro, pelos pés e pelas mãos, e, depois de ambos terem atingido o orgasmo... talvez ligeiramente inspirada na Catherine Tramell, em *Instinto Fatal*... Verónica retirou um bisturi de baixo da cama e cortou-lhe uma porção de pele de um dos dedos, não tão à superfície como ela lhe teria dito que iria ser, enquanto ele gritava: «Pára! Estás louca!?!... O que é que estás a fazer?... Pára imediatamente! Aaaahh!!!...»

Depois de o ter soltado, e enquanto ele se vestia para ir atrás dela, ou talvez ao hospital, já Verónica corria escada abaixo, com uma única direcção em mente  $\frac{3}{4}$  a do pequeno estúdio que tinha alugado, e onde morava sozinha. Sérgio sempre pensara que ela vivesse ainda com a mãe, por isso, os seus encontros amorosos aconteciam sempre no pequeno apartamento onde ele morava.

A partir desse dia, apesar dos insistentes pedidos de desculpa e explicações telefónicas que ela lhe deu, ele nunca mais quis voltar a vê-la. Uma semana depois, ele nunca mais voltou a ser visto...

\*\*\*\*\*

Ao entrar na cela do Estabelecimento Reabilitacional para Criminosos Dementes de Mafra, Anselmo apercebeu-se imediatamente de uma estranha presença. Tinham-lhe dito que iriam buscar a Verónica ao quarto de isolamento, pois naquela semana ela já se tinha tentado suicidar por duas vezes, batendo furiosamente com a cabeça contra a parede. «Aliás, foi por isso mesmo que tivemos que pregar o quadro à parede...» disse-lhe o enfermeiro que o tinha acompanhado, acrescentando de seguida: «Certa altura, poucos dias após a sua admissão, se o enfermeiro tivesse chegado uns segundo mais tarde, ela ter-se-ia matado com ele. Imagine o senhor padre que tinha colocado um dos cantos da moldura junto da garganta e que batia o canto oposto contra a parede. Bastava que o Heliodoro tivesse chegado uns segundos atrasado... O senhor padre verá, com os seus próprios olhos, a marca com que ela ficou no pescoço. Tiveram que lhe dar uma transfusão de três litros de sangue...»

O Padre Anselmo tinha ouvido falar do caso daquela rapariga, que havia ficado sem pai em criança, e que fora criada pela mãe numa casa à beira mar — talvez aquela que estava agora representada na frente dos seus olhos, dando «alma» àquele quadro. Mais tarde, viria a fugir de casa, fixando-se em Lisboa, estudou algum tempo na Academia de Belas Artes, mas nunca chegaria a acabar o curso. Ainda antes do suicídio da sua mãe, viria a ser acusada da morte de um estudante finalista do curso de medicina, com quem tivera um envolvimento amoroso. Considerada em tribunal inimputável perante a lei, depois de ter sido avaliada por um grupo de especialistas, nomeado pelo juiz que estava encarregado do caso, não obstante, foi aconselhada a sua colocação num hospital psiquiátrico de alta segurança, sugerindo-se então o seu enclausuramento sob vigilância médica, por medida de precaução, até uma futura avaliação.

Anselmo não resistiu a tocar no quadro, do qual parecia emanar uma energia extraordinariamente real, quase tão real como a própria realidade. *Sei lá eu o que quero dizer*, teria ele pensado. A sensação que experimentou ao pousar o dedo, sobre aquela superfície, pareceu-lhe semelhante ao de uma esponja macia, mas, ao contrário do que estaria à espera, a textura por ele sentida parecia estar morna, ou pelo menos com uma temperatura superior à que se fazia sentir dentro da cela.

*Estranho...* pensou ainda, enquanto admirava, agora já mais afastado, aquela casa à beira de uma falésia sobre o mar, que advenamente parecia estar inclinada para o precipício.

«Ela sou eu!...» O padre voltou-se, sobressaltado, para dar de caras com aquela que, indubitavelmente, deveria ser Verónica.

«Ah!... O quê!?... Desculpe, estava distraído a observar este... Peço perdão! Permita que me apresente. Sou o Padre Anselmo. Vim aqui porque ouvi falar do seu caso, e acho que poderíamos conversar um pouco, à medida que nos formos conhecendo. Sabe... eu já conheci muitas pessoas com problemas semelhantes ao seu...»

«Mas eu não tenho qualquer problema. Tudo está bem. Tudo vai ficar bem... em breve!»

«Claro que sim!...» disse o clérigo com um ar inseguro, que tentava fazer parecer de convicção e certeza. «Dizia-me ao entrar...»

«Que essa casa sou eu» concluiu Verónica.

«Sim, claro! Deve ter passado muitas horas a fio, retocando-a sem fim, para que o resultado final fosse tão...»

«Real!... Eu sei. Mas não é só isso. Não é pelo tempo passado a pintá-la, é também pelo que eu dei de mim... e de tudo e de todos os que me rodeavam. Sou eu quem aí está! Talvez um dia venha a compreender, talvez em breve...»

\*\*\*\*\*

*«Mas... ó senhor prior... será que é agora que o S(s)enhor vai entrar dentro de mim?... E repare... que eu nem sequer pensei se era o senhor com minúscula ou com maiúscula. Para mim, tanto se me dá. Qualquer um dos dois me serve. Até podem ser mesmo os dois. Tanto me faz... desde que me satisfaçam estas minhas sede e fome de sanar os meus pecados... ou... no mínimo aliviá-los... Sim! Acho que seria mesmo essa a palavra exacta e apropriada: um «alívio» Divino... e este sim, já poderia ser com maiúscula — merecidamente digno dos deuses. O que acha de tudo isto, o senhor prior?... Talvez um dia venha a compreender, talvez em breve...»* Acordou sobressaltado, com a estranha sensação de que Verónica se encontrava ali, a seu lado, proferindo-lhe aquelas palavras ao ouvido, sentindo a sua respiração entrar por ele adentro, transformando-se na sua própria, e sabendo que agora não precisava de respirar, pois ela poderia fazê-lo por si. Sim! Ela poderia respirar por ambos.

Levantou-se, tomou um duche rápido, e saiu. Comprou o jornal, leu-o enquanto tomava o pequeno-almoço numa pastelaria da Praça do Chile, e, depois

de ter pedido a conta, dirigiu-se ao balcão para fazer um telefonema: «Precisava de um táxi...» disse ele, e depois de dar o endereço, continuou: «Mafra... Quinze minutos?... Ótimo, muito obrigado.»

Ao chegar ao Estabelecimento Reabilitacional para Criminosos Dementes de Mafra, e depois de ter percorrido o infundável corredor, foi logo abordado pelo enfermeiro que o tinha recebido aquando da sua última visita.

«Não vai acreditar, senhor padre... Mas ela já não está connosco.»

«O que é que aconteceu? Não me diga que ela...»

«Sim. Não percebemos muito bem como, mas...» Estavam agora a escassos metros da cela de Verónica. «De manhã, quando aqui cheguei, encontrei a quarto neste estado.»

«Meu Deus!!... Não posso crer... Afinal sempre era verdade o que ela dizia...»

«Parece que sim. Não sabemos como ela o conseguiu. É praticamente impossível sair deste estabelecimento. A Polícia Judiciária já está a investigar. Não vá ela matar mais um, e...»

Mas, ao recordar-se das palavras de Verónica — *Talvez um dia venha a compreender; talvez em breve...* — dirigiu-se imediatamente ao quadro que ainda se encontrava na parede. Olhou-o uma vez mais, e então percebeu... A Casa da Falésia, anteriormente inclinada para o mar, como que a querer correr, já lá não estava... restava apenas a escarpa, com o enorme cedro plantado no meio... protegendo o banco de jardim... e quase sentiu a brisa vinda do mar a fazê-los oscilar — a ele e ao cedro. E então, recordou-se uma vez mais das palavras de Verónica:

*Ela sou eu!...*